



Virginia Ungar\*

## Embaixada sem seu país de origem

Esta manhã estava trabalhando em supervisão com uma jovem analista e tentava ilustrar um aspecto clínico relacionado com o psiquismo precoce. Muitas vezes ocorre que quando me entusiasmo por transmitir uma ideia, quero mostrá-la de forma concreta; dessa forma, peguei um livro de Arnaldo Rascovsky na biblioteca. Quando o abri, li pela primeira vez a dedicatória. É um livro que li e citei, mas até hoje não a tinha visto. Dizia: “Para Virginia, pelo amor, a constância e a lembrança”. Horacio tinha me dado o livro de presente alguns anos antes de doar sua biblioteca para a APdeBA; desde então, o conservava no consultório.

Ainda é difícil aceitar que o mestre não está mais aqui, ou talvez sua longa vida e sua lucidez até o final, de alguma forma, nos fizeram acreditar que era imortal. Não posso lhe perguntar o porquê de escolher essas três palavras ou o que quis dizer com elas. Mas sim, posso fazer uma tentativa para decifrar seu sentido. O amor talvez seja o compartilhado pela psicoanálise. A constância, a de um vínculo, um vínculo que começou quando ele era meu professor e eu era sua aluna de seminários no terceiro ano de minha formação em 1980. A lembrança, por sua vez, não me pede explicação. Disso se trata esse momento, das lembranças, disso que ele ensinou tão bem: aquele que se introyeta e tem que atravessar por um processo de luto para devir um objeto interno. Quando o objeto chega a ser parte do mundo interno, podemos falar com ele, pode nos escutar e, de certa forma, devir em nosso guia.

Diz-se que mestre não é aquele que nos ensina, mas quem consegue despertar no outro o desejo de aprender, de conhecer. É assim que neste *trabalho de luto*, como Freud chamou o esforço psíquico que os humanos temos que fazer para nos confrontarmos com o vazio da perda, surgem mais nítidas as noções psicoanalíticas que fomos tornando nossas no contato com aquelas que nos deixaram marcas.

Sem precisar ir mais longe, a força da noção kleiniana de *mundo interno*, tão bem transmitida e defendida por Etchegoyen, pode ser vista inclusive na dificuldade de tramitar este pedido de um testemunho sobre Horacio, que já não está, porém ao mesmo tempo tem uma presença incisiva no diálogo cotidiano que sustentamos com os objetos internos.

Uma lembrança: Horacio de terno, deitado em sua cama sem desfazer. Estava com os sapatos postos. Tinha ligado para ver como estava e perguntei se queria que o visitasse. Já estava fraco, mas me recebeu, elegante. Sentei-me e estive um tempo a seu lado. Em certo momento, pegou minha mão e me disse em voz baixa: “Você vai fazer tudo muito bem”. Não respondi, não disse mais nada e fiquei até que escureceu. Foi o último domingo de sua vida.

Essa voz grave e cansada continua ressoando, e sei que vou necessitá-la nos anos que estão por vir. Horacio soube transmitir com convicção, com sua forma própria de viver e com seu jeito de dar conta de sua prática, que o eixo de seu pensamento situa a ética como a matriz da qual surge o sentido e a coerência das normas técnicas da psicoanálise.

A partir desta posição ética foi leal a suas convicções e as defendeu com firmeza. O rigor que sustentava quanto à coerência em relação a um modelo teórico o levou a não fazer concessões. Outra lembrança: eu o convidei para dar uma aula em um seminário sobre Melanie Klein. Era um dos últimos desse ano e se tratava da noção kleiniana sobre a inveja. Meu mestre havia me ajudado a entender esse conceito, e esse processo levou muitos anos até que pude compreendê-lo no contexto da mesma teoria e valorizar sua utilidade na clínica psicoanalítica. Deu uma aula extraordinária a um grupo de analistas em formação que o assistiam maravilhados e em mais absoluto silêncio. Quando terminou, foram feitas perguntas, eu retomei uma discussão que tive anos com ele sobre a inveja primária de Melanie Klein, que é primeira e endógena. Em minha opinião, é uma das ideias – derivadas da clínica – mais fortes da autora, talvez a mais ousada e ao mesmo tempo mais insuportável se for bem entendida. É a versão kleiniana do narcisismo, que nesta teoria é objetal, enquanto o impulso invejoso é de natureza essencialmente destrutiva. Não existe algo mais terrível para um ser humano do que chegar a reconhecer que se pode querer destruir aquilo que se ama, sem a mediação de uma frustração nem alguma atitude que justifique o ódio.

Nesse dia, e talvez estimulada pelo excelente nível das perguntas que os estudantes faziam, voltei com insistência com uma eterna pergunta que tinha feito a meu mestre e para a qual tinha recebido respostas muito fundamentadas a partir da teoria. Disse-lhe: “Horacio, você não pensa que o tema da inveja com base biológica é um argumento pouco sustentável? Eu não o aceito”, disse corajosa. O mestre me respondeu com um olhar risonho: “Virginia, como você pensa que pode aceitar uma embaixada sem que tenha um país de origem?”. Sua resposta gerou risos no grupo e me deu um motivo mais para admirar Horacio em sua capacidade política e seu grande senso de humor. Ele tinha razão no que me dizia, ainda que eu não gostasse.

Em tantos anos de uma relação de respeito, admiração e confiança, os vínculos vão mudando. Assim como houve um tempo em que o *senhor* era um código, o você chegou em um momento em que o mestre me honrou com sua amizade e teve a simplicidade dos grandes no tratamento. Foram cultivados laços profissionais, de amizade e inclusive familiares.

Um velho amigo dele me disse uma frase na despedida, que continua ecoando em mim: “Horacio foi leal com seus amigos e também com seus inimigos. Uma pessoa assim é muito difícil de encontrar”.

\* Associação Psicanalítica de Buenos Aires.